

# Pro-Vimaranense



ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES  
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série  
NÚMERO 15  
Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade  
Guimarães, 20 de Setembro de 1930  
Redacção e Adm.: P. D. AF. HENRIQUES, 11.  
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

Ecoss. Notícias. Comentários.

## TRISTE SINA!

Ecoss. Notícias. Comentários.

Os devotos de Santo Humberto tiveram, nêstes últimos dias, uma época de vida agitada.

No domingo passado, a eleição para a comissão venatória, realizada no salão nobre da Associação Comercial. Foi concorridíssima, tendo votado mais de duzentos e cinqüenta caçadores, número muito avultado que o ambiente de expectativa e interesse criado à volta dêsse acto perfeitamente justifica.

Com efeito, nunca como desta vez os meios venatórios desenvolveram tanta actividade. Duas listas disputavam a primazia, ambas defendidas calorosamente por adeptos entusiastas. Galopinou-se grandemente, à velha usança portuguesa. Contudo, nada de anormal se passou no decorrer da eleição, realizada com os devidos sacramentos legais. Poucos protestos, bastante correccção e até certa cordialidade de maneiras. Perderam os que não ganharam...

E agora esperam-se com ansiedade os actos da nova comissão venatória, cujas funções não são de pouca importância, como poderá parecer à primeira vista...

\* \* \*

Na segunda-feira, 15 a abertura da caça.

O dia maior, o mais ansiosamente esperado, o grande dia.

A mortandade devia ter sido de respeito, se bem que até agora ainda não recebemos os costumados presentes...

Não percebemos cousa alguma das coisas relativas a caçadorias, mas, para informação de muitos dos nossos leitores que se dedicam a tal sport, respigamos do jornal a «Republica», de Lisboa, com a devida vénia, os seguintes dados, que, com certeza, lhes hão-de interessar:

A abertura da caça realizou-se em França e até, segundo parece, em toda a Europa, nos princípios do mês.

No domingo 7 do corrente saíram de Paris para os campos quinze mil caçadores e... caçadoras. No dia seguinte appareceram à venda, no mercado central da capital francesa, quatorze mil duzentas e sessenta peças de caça, pesando, ao todo, três mil quilos.

Apesar da primavera ter sido terrível — chuvas, ventos frios, tempestades, a caça foi muito mais abundante do que nos anos anteriores.

No já referido dia 8 appareceram à venda, nada menos de oito mil e quatrocentas perdizes.

Preços: uma perdiz, 14 a 20 francos; uma codorniz, 3 a 9 francos; uma lebre, 25 a 42 francos; um coelho, 3 a 13 francos. O leitor, para fazer a conta, de-

De há anos a esta parte tem sido constante a lamentação dos vimaranenses acêrca das coisas da sua terra. Tudo e todos protestam, em uníssono, contra o marasmo que a envolveu, impiedoso e maifazejo, sem que tenha sido possível uma modificação consentânea com as justas aspirações da linda cidade que nos foi bêrço.

Raios partam... Iamos a dizer que uma triste sina nos destinou a sorte, agora que tôdas as terras, ainda as mais modestas, vão realizando uma série de melhoramentos compatíveis com as suas forças, mas demonstrando sempre o desejo inquebrantável de se afirmarem amantes do progresso e ciosas de caminhar para o seu levantamento moral e material.

Tudo entre nós escasseia; até os homens. Não se enxerga aí uma pléiade de figuras de destaque, dignas da veneração, do acolhimento lisonjeiro do bom povo vimaranense. Uma trapalhada se observa, nos homens e nas coisas.

Triste sina, na verdade!

Reminiscências apontam-nos uma época em que este velho burgo sofreu idêntica doença marasmódica. Mas então surgiu um grupo de homens com o necessário valor para enfrentar e dominar a apatia em que eramos caídos. E Guimarães rejuvenesceu e deu mostras de não mais voltar aos velhos hábitos, às ancestrais usanças em que ia perdendo o vigôr indispensável para se manter a par de outras terras que, sem tamanha razão, se impunham pelo amor ao avanço moral e material que aqui ameaçava ficar para sempre entorpecido.

Anos volveram e o mal regressou. Porém, desta feita, a enfermidade brutal que nos acometeu anuncia-se invencível. Decaimos a olhos vistos, empurrados por nós próprios e pelos estranhos.

Nem a caridade, sequer, nesta terra se pratica hoje como nos tempos idos, simples, amorosa, desinteressada. Substituiu-se por uma caridade arrogante, desumana e videirinha, para que enfim

ve ter em atenção que o franco vale, em média oitenta centavos.

Por cá sempre fica mais barato, sobretudo quando os amigos caçadores se lembram da gente...

\* \* \*

Sem qualquer preocupação política, antes no exclusivo propósito de trabalhar pelo bom nome da nossa terra, *Ruy de Lancastre*, nosso estimado colaborador,

se fique certo de que o erário dos pobres não irá levar-lhes abundância tal que os perturbe em suas digestões...

Velho feudo da reacção, do ultramontanismo que desgasta o moral das gentes como uma lima de bom aço desgasta o varão de ferro mais resistente, havia de, levada pela mão de um cruel fatalismo, prostrar-se aos pés da deusa Quietude, esta nossa querida terra que sonharamos fadada para, em curtos anos, se impôr como uma das cidades do país mais resolutamente avançada dentro do largo âmbito de progresso que a presente época marcou áquelas terras que têm vontade firme de caminhar.

Levaram-nos tudo e até de instrução nos julgam desnecessitados. Nossos filhos, ó pacatos vimaranenses, aprenderão, quando muito, a ler e escrever; mais nada. Que não lhes será dado ingressar no mundo amplo do saber por outra porta que não seja a da instrução primária. Bem feito, que vós ainda vos mostrais agradecidos à sorte avára que vos cobre.

Dir-se-há que escrevemos sob o domínio de alguma paixão que não é a paixão de vermos Guimarães subir até à altura a que tem direito. Pois, quem tal de nós ajuizar, terá errado crassamente.

Se não é bastante, para confirmar o que expomos, a desdita a que todos vêm votado o estremeado rincão em que nascemos, desdita que está largamente atestada e de modo que todos os vimaranenses a compreendem, a palpam, a sentem, então a mentira transmutar-se-há em verdade e esta terá que emudecer, envergonhada de tanta má fé por parte daqueles que assim a contradigam.

Muito felizes nos sentiremos se o nosso pessimismo, que não é doentio, mas baseado em factos incontestáveis, puder um dia modificar-se por virtude de terem as coisas da nossa terra mudado inteiramente de aspecto.

Silene.

diz hoje, neste jornal, da sua mágua por não se ter dado realização à ideia, tam aplaudida quando surgiu, de um monumento à memória de João Franco, que foi, de verdade, um grande amigo de Guimarães.

Os vimaranenses nunca pertenceram ao número das pessoas mais agradecidas. Esquecem rapidamente os serviços que lhes prestam. E' mal que vem de longe...

«Silene» e João Lopes de Faria colaboram pela primeira vez no «Pro-Vimaranense».

João Lopes de Faria dispensa apresentação. E', sem dúvida, um dos mais pacientes e meticolosos rebuscadores das velharias que interessam à história de Guimarães. Conhece como ninguém os arquivos onde se encontram os documentos do passado, motivo porque a sua opinião é, em certos assuntos, imprescindível.

Silene é o pseudónimo de um conterrâneo nosso, afastado há muito das lides da imprensa, às quais, em tempos, se dedicou com vulgar brilho. E' natural que muitos leitores achem demasiado pessimista o artigo que dêle publicamos. Deve, porém, ter-se em conta que a vida de Guimarães justifica, muitas vezes, o desalento e a amargura...

\* \* \*

Resultou imponente a peregrinação à Penha realizada no dia 14. Milhares de pessoas se encorporaram nela, com o fervor e entusiasmo das suas crenças. Por milhares se contavam também as pessoas que subiam até ao monte para passarem o dia. Este, ao contrário do que faziam prever os aguaceiros da véspera, portou-se lindamente.

\* \* \*

Para outubro temos as festas do S. Cristóvão, patrono dos automobilistas.

O programa, que se encontra quasi definitivamente estabelecido, é deveras tentador, nêle sobressaindo, como número de maior atracção, a corrida da rampa, prova difficilima, a qual concorrerão os melhores volantes do país. Oxalá o tempo não atraiaçoe a boa vontade dos organizadores...

\* \* \*

Como anunciamos no último número, vai proceder-se à cobrança do segundo trimestre. Para obviar dificuldades e obstáculos surgidos quando da primeira cobrança, pedimos encarecidamente aos senhores assinantes o obsêquio de satisfazer a importância da assinatura logo que o correio lhes apresente os respectivos recibos, pois a devolução dêstes acarreta-nos grandes prejuizos, obrigando-nos a uma duplicação do expediente que muito atraza os serviços de administração.

Todos os que trabalham neste jornal — não será demais repeti-lo... — fazem-no com absoluto desinteresse, roubam muitas horas aos seus afazeres profissionais. Cumprem assim, muitas vezes com sacrificio, o seu dever. Ora, devêr por devêr, esperamos que

os dignos assinantes também cumpram o seu, não criando dificuldades a uma empresa cujos fins, por elevados e nobilíssimos, merecem o carinho e respeito de todos.

...E desde já, — muito obrigado!...

\* \* \*

Realizar-se-há, dentro de poucos dias, em Lisboa, o Congresso da Pequena Imprensa, iniciativa em cuja organização já há muito tempo trabalham alguns dos nossos mais brilhantes colegas.

Sem de modo algum desejarmos fazer vaticínios pessimistas, diremos, contudo, que nunca confiamos muito nos resultados práticos dos congressos desta espécie. Muito nos regosijaremos, por isso, se ao que vai realizar-se sair alguma coisa que não seja pura retórica. Há problemas de capital importância para a vida da pequena imprensa cuja solução rápida se impõe. Contribuirá o Congresso para que ela lhes seja dada!

Fazemos votos para que assim aconteça...

\* \* \*

Ficou adiada para data que oportunamente será marcada a reunião que deveria ter-se realizado, no passado dia 15, da Grande Comissão pro-construção do novo Teatro.

Motivou o adiamento o facto de muitos dos componentes dessa Comissão se encontrarem ausentes. Podemos garantir que dessa reunião resultará um forte impulso para o êxito completo da grande iniciativa.

\* \* \*

Começou a nova época cinematográfica no barracão da rua de Gil Vicente.

Que saibamos, ainda não começaram lá nenhuma das obras apontadas como absolutamente necessárias pela inspecção feita há meses. As portas continuam abrindo para dentro e... etc. etc. etc...

Quando nos referimos a este assunto não queremos, de modo algum, atingir seja quem for, e, muito menos, prejudicar o senhor empresário, contribuindo para o cerceamento dos seus já tão escassos lucros...; queremos somente impedir que continue contra todas as disposições legais e regulamentares, um abuso verdadeiramente intolerável.

Compreendidos?...

\* \* \*

O falecimento de Paulo Lobo Machado Cardoso de Menezes emocionou profundamente, não só os seus numeroríssimos amigos, mas todos quantos o conheciam, embora desde há muito os crescentes agravamentos dos seus sofrimentos o fizessem prever.

De trato afável, gentilíssimo de maneiras, bondoso, Paulo Lobo distinguiu-se sempre pelas suas elevadas e nobres qualidades de coração e de carácter.

A família enlutada enviamos a expressão do nosso profundo pesar.

Este número foi visado pela comissão de censura

## UM ESCLARECIMENTO

«O Primeiro de Janeiro» de 13 do corrente, no *Diário de Guimarães*, diz:—No átrio do Museu está já instalado o altar renascentista, mandado executar pela antiga corporação dos ferreiros da vila de Guimarães, em devoção ao seu orago S. João Baptista—

O sr. correspondente não foi bem informado. S. João Baptista nunca foi orago da corporação dos ferreiros, mas sim da dos cutileiros e bainheiros, e nenhuma delas, em tempo algum, teve sede na Colegiada.

O altar foi mandado construir pela irmandade de S. Pedro, como bem o mostram os 3 quadros com o martírio e passagens da vida do Santo e também a tiara que encima o nicho do Santo e emblemas alusivos ao mesmo, que o ladeiam. Não conheço ainda o ano da construção.

Quanto a ter no cimo do retábulo o quadro com a imagem de S. João Baptista, isso é devido ao contracto de licença que o Cabido em 3 de Setembro de 1616 concedeu à dita Irmandade, para exercer os seus actos «dentro da capela de S. João Bautista sita nas crastas, que se chama o cabido velho»; uma das condições é: «no altar que fizerem sempre ficará pintado o bemaventurado S. João Bautista por a capela ser de sua invocação».

Embora no vol. XXIV da «Revista de Guimarães» a fôlhas 22, se leia, numa pequena introdução aos «Estatutos dos Cutileiros de Guimarães», «que a imagem de S. João Baptista, patrono dos cutileiros e ferreiros, etc. etc.» não se pode tomar como verdadeira a afirmação, demais porque, quando logo abaixo, na mesma página, se entra na letra dos estatutos, vem: «Estatutos para se governar os juizes do officio de cutileiro e bainheiro desta villa e termo e obri-

gação da Irmandade do maior entre os nascidos S. João Baptista pelos ditos officios instituida.

Representam os juizes do officio de cutileiro e bainheiro desta villa de Guimarães, etc. etc., para augmento do maior entre os santos S. João Baptista, cuja imagem foi feita a custa dos officios declarados e juntamente os fiteiros, etc.»

Precisa, pois, de rectificação o ponto que diz: *patrono dos cutileiros e ferreiros, para patrono dos cutileiros e bainheiros.*

Os ferreiros eram unicamente uma arte correlativa.

No vol. XX da mesma revista e a pág. 174, volta a aparecer um ponto que precisa igualmente de rectificação: «*S. João Baptista.* Estava a cargo dos cutileiros e bainheiros e fiteiros, que por mandado da câmara haviam feito a imagem do Santo. Esta era guardada em casa de ferreiros, onde não tinha a devida veneração, etc.»

Nunca foi guardada em casa de ferreiros. Em casa de muitos cutileiros e bainheiros, indistintamente, e por favor, é como reza o documento.

«Muito Rev. Senhores Padres Prior e mais Religiosos desta Santa Comunnidade de S. Domingos: Representam os cutileiros e bainheiros desta villa, que elles tem por obrigação porerem a respeitavel imagem do Baptista Sam João nas Procissões reaes, e por não trazerem o Santo pelas casas de uns e outros de favor, o poseram na Igreja das religiosas de Santa Rosa, e agora pretendem os ditos mestres collocalo nesta Igreja e levantar-lhe sua Irmandade, para o que: Pede a Vossas Paternidades, etc. etc.»

Assim falam os documentos.

João Lopes de Faria.

### Sociedade Martins Sarmiento

O sr. Ministro da Instrução, tendo conhecimento dos altos serviços prestados à instrução popular por esta benemérita instituição, vai propor que lhe seja concedida a Ordem Militar e Scientifica de Sant'Iago de Espada.

Como vimaranenses, dos que mais amam a gloriosa Sociedade, regosijamo-nos com o facto, que de uma maneira tão expressiva vem demonstrar quanto os poderes públicos já sabem apreciar os valiosissimos serviços que há dezenas de anos ela vem prestando.

Da Sociedade Martins Sarmiento diz Ramalho Ortigão, no «Culto da Arte em Portugal»; «... é um verdadeiro monumento de erudição, de estudo, de trabalho práctico, de piedade patriótica». Reconhecendo-o, o Governo honra-se e honra-nos.

A' direcção da Sociedade, onde temos amigos muito queridos, os nossos parabens.

Louças e Artigos para brinde  
O mais completo sortido  
**Casa Martins**

### Congresso Antropológico

Guimarães vai receber a visita das maiores mentalidades mundiais que a esta terra veem prestar sentida homenagem a MARTINS SARMENTO

Do nosso presado colega «A Velha Guarda» transcrevemos, com a devida vénia, o seguinte artigo:

«No próximo domingo 28 do corrente mês, Guimarães vai receber em seu seio as maiores mentalidades mundiais, arqueólogos illustres que a esta terra veem prestar sentida homenagem áquelle insigne vimaranense que adquiriu aureolado renome além fronteiras e que foi incontestavelmente um dos maiores arqueólogos mundiais.

A Benemérita Sociedade Martins Sarmiento, não desejando faltar à sua missão, prepara-se para receber condignamente os illustres visitantes e elaborou já o seguinte programa:

Recepção na Sociedade Martins Sarmiento, onde pelo Ex.<sup>mo</sup> Presidente daquela Sociedade, sr. Dr. Eduardo de Almeida, illustre filho desta terra, serão dadas as boas-vindas; visita aos museus daquela colectividade; visita ás

estações arqueológicas de Sabroso e Citânia de Briteiros; primorosa refeição no Casal da Ponte, antigo solar de Martins Sarmiento, durante o qual se realizará um arraial minhoto com tôdas as características etnográficas, cheio de vida, côr e alegria, como é próprio do nosso povo; regresso à cidade e visita aos monumentos.

Ora, no nosso entender, muito faz a Sociedade Martins Sarmiento e honra seja feita à sua digníssima Direcção pelo empenho que demonstra em receber condignamente os nossos hóspedes, acrescentando ainda a oferta duma memória descritiva da Citânia e de Sabroso que oferecerá a cada congressista.

Mas, não basta.

Guimarães tem de empenhar-se para bem auxiliar os desejos da sua primeira Associação.

Expontâneamente, e sem que lhe peçam, tomará um ar de festa e deverá, em péso, assistir à recepção dos mestres e sábios arqueólogos.

¿Como?—interrogação.

Engalanando as suas fachadas, pondo as riquíssimas colgaduras nas varandas dos seus prédios, e cobrindo de flores os hóspedes da nossa terra.

Uma flor e um sorriso de mulher são o mais diplomático dos acolhimentos.

E por sua vez, o povo cidadão deverá acorrer ao local da chegada e tributar aos insignes hóspedes uma manifestação de simpatia que seja o prémio de consolação pela subida honra que deram à nossa terra.

¿Pensaremos bem?

¿Pensaremos mal?

A terra não pode ficar indifferente ao alto significado da visita que se realiza no dia 28.

Por Guimarães!

Pela memória de Martins Sarmiento!

\* \* \*

Completamente de acôrdo. Em absoluto aplaudimos a doutrina exposta pela «Velha Guarda».

Guimarães tem o dever de provar, uma vez mais, que sabe receber como nenhuma outra terra.

Qualquer filármonica de aldeia ou grupo de furiosos dramáticos têm sido recebidos com calorosas manifestações, vivas entusiásticas, foguetório, música, flores e o resto... Por vezes, muitas vezes até, a coisa passa ao mais desmarcado exagêro. Não há, pois, sequer o direito de duvidar dos vimaranenses. Não de saber, com certeza, manter com dignidade as suas brilhantíssimas tradições de hospitalidade, de maneira tal que os nossos illustres visitantes levem daqui as mais gratas recordações.

*A casa HIGH-LIFE tem em liquidação artigos que existiam dos seus antigos donos que vende a preços baratíssimos.*

*A Casa HIGH-LIFE é a que mais barato vende: Perfumarias dos melhores autores, Camisaria, Artigos de bordar, Miudezas Modas e Gravatas.*

A propósito de João Franco

Pouco depois do falecimento de João Franco, numa reunião efectuada nesta cidade, a que assistiram, entre outras, pessoas da mais alta representação social, foi nomeada uma comissão que, se não estamos em erro, ficou com a honrosa incumbência de tratar da melhor maneira de levar a efeito a consagração daquele homem público.

Parece até que a ideia mais generalizada, a que mais aplausos concitou à sua volta, foi a do levantamento num dos nossos largos de um monumento, modesto embora, mas que perpetuasse de uma maneira condigna a memória do homem, que não sendo vimaranense, tinha prestado a Guimarães os mais altos serviços. Este monumento seria o testemunho nobilitante da gratidão de todo um povo.

Apesar porém de tanto tempo ter já decorrido, ainda ninguém soube até hoje o que tem feito essa comissão e quais os trabalhos a que se tem devotado para pôr em execução o pensar e o sentir de todo um concelho.

Ninguém até hoje veio elucidar a grande massa do público sobre o mau ou bom andamento desses trabalhos, sobre a boa ou má viabilidade da consagração que se resolveu levar a efeito, e o certo é que, perante a indiferença que se nota, o povo vai-se convencendo de que o que se projectou ou pensava projectar à memória daquele prestante cidadão, passará a ser mais um projecto sem realização, ou uma banalíssima, uma frívola fantasia de sonhadores...

Ou julgar-se-hão os vimaranenses quites com a realização das exéquias levadas a efeito?

Não nos parece. Custa-nos a acreditar que assim seja.

Há, sem dúvida alguma, uma dívida de gratidão a pagar a João Franco. Temos o dever de consagrar, de uma maneira mais eloquente, a memória desse homem. Isto não pode ser contestado por ninguém.

E porque é assim, estranhámos que a comissão nomeada, sob tão bons auspícios, ainda não tivesse dado acôrdo de si, e continue a dormir a sono solto como até hoje.

De lamentar é, pois, que um homem que prestou os serviços que todos sabem, esteja condenado a ficar esquecido das gerações vimaranenses que hão-de vir, desconhecido como virá a ser, fatalmente, daqui a uma dúzia de anos, o máximo.

Certo, bem certo, o que afirmava J. Sand: «... o esquecimento é o verdadeiro sudário dos mortos».

Justa, justíssima, a frase de Camilo: «Há uma coisa mais aviltadora do que o desprezo: é o esquecimento».

De qualquer maneira, vê-se bem que João Franco morreu, já não manda, já não é político... Porque se o fôsse...

Ruy de Lancastre.

A's nossas gentis leitoras recomendamos a CASA MARTINS por ser a casa que melhor sortido tem e os seus preços os mais baratos. Só na Casa das Meias que é a CASA MARTINS.

UMA CRÓNICA

No «Janeiro» de 18, assinada por Pelágio, pseudónimo não sabemos de quem, vinha publicada uma «Crónica de Guimarães», em que era abordado o assunto — unidade militar.

Provocou a crónica, segundo dela se depreende, o facto de na recente visita ministerial a Valença, por ocasião da inauguração da cabine telefónica nesta vila fronteiriça, o senhor Presidente do Ministério ter afirmado que logo que o orçamento permitisse colocaria ali uma unidade militar.

Esta afirmação não poderia, êle o diz, ter deixado Pelágio indiferente, porquanto nunca viu ou ouviu que se fizesse alguma semelhante a respeito de Guimarães, nem sequer quando da visita do sr. General Carmona. E para demonstrar a sem razão e a injustiça da desigualdade de tratamento, o cronista faz a demonstração, com argumentos vários e todos sólidos, de que a nossa cidade está em condições excepcionais para ser atendida na sua aspiração de possuir uma unidade militar, condições que nenhuma outra terra possui.

Depois de sugerir a organização de uma grande comissão que fôsse até Lisboa demonstrar, junto dos respectivos ministros, a justiça que assiste a Guimarães, pergunta Pelágio: — «Que me dizem os bairristas a esta ideia?».

Dizemos que é excelente e que não presta, salvo o devido respeito.

E' excelente, porque tal comissão, composta por algumas das mais categorizadas individualidades vimaranenses, saberia advogar com brilho a velha pretensão, demonstrando exuberantemente a sua legitimidade.

Não presta porque, sendo expediente usado já por várias vezes, ainda até hoje não deu o mínimo resultado.

A verdade, a grande verdade, é esta:

— As instâncias oficiais conhecem de há muito, e perfeitamente,

te, e em todos os seus pormenores, todos os argumentos que justificam a existência em Guimarães de uma unidade militar. As instâncias oficiais já reconheceram, por uma, por duas, por três e mais vezes, que temos razão quando pedimos que seja satisfeita essa aspiração e outras mais. Portanto, não precisam de novos informes, de novos esclarecimentos, de novas demonstrações.

Pelágio, se quizesse historiar as demarches feitas durante anos junto de quem de direito, teria de, para ser justo, reconhecer o muito que trabalhou o antigo grupo Pro-Vimarane, hoje S. D. P. G., em prol da unidade militar; e teria também de exaltar uma figura, a de António José Pereira Rodrigues, que, em certa época, deu do seu bôlso alguns milhares de escudos para as despesas a fazer com viagens, hospedagens, expedientes, impressão de manifestos, etc., etc.

Há coisas que muita gente não sabe e que, quando contadas por meúdo, hão-de causar sensação.

Quem escreve êste breve comentário à crónica de Pelágio tem trabalhado como um mouro na defesa das reclamações locais. Um dia fará a história cómica-trágica dos inglórios e improficuos e desconhecidos esforços até hoje realizados.

Diz o cronista:

«Vamos para a frente, façamos como os habitantes de outras terras, que, pondo de parte tôdas as dissidências, se juntaram, e teem feito delas autênticos paraísos, porque só assim, com os esforços de todos para o fim comum, se consegue o engrandecimento de Guimarães, o que a final todos os vimaranenses desejam».

Isto andamos nós a prègar há muito tempo. O nosso grito constante é êste — União! União! União! Não é por culpa nossa que ainda hoje há vimaranenses separados por abismos...

Interesses Locais

Uma dúvida terrível nos trazia assustados se sim ou não a nossa terra figurava no mapa do continente português, mas essa dúvida deixou de apoquentar o nosso espírito, porque sem esforço a vimos incluída na linda província do Minho. Agora, não nos resta dúvida: Guimarães existe de facto e de direito.

Mas, perguntarão, a que propósito veem estas palavras? Nem mais nem menos sobre o não consentimento, por parte do ministério do Interior, de aumentar o número de polícias, que a Câmara pagaria por vontade de todos os munícipes, pois a que existe, é mais que insuficiente para fazer um bom serviço, como o que quer e requiere uma cidade como a nossa, que paga demais, e porisso com direito a que olhem para ela sem sobrançerias, mas com respeito.

Não sabemos o que levou o sr. ministro do Interior a negar um pedido, um pedido simples, feito

pelo Município, demais a mais que a criação de uma miserável esquadra de polícia não afectaria os cofres do Estado, mas sim a bolsa dos vimaranenses.

E' isto justo? Com franquesa: não é!

O Governo só sabe que Guimarães existe, por que um dia, que não vai muito longe ainda, êle veio, de visita e a convite da Casa do povo, até nós, não só para se lhes mostrar a importância industrial e comercial da nossa terra, mas também para se lhe pedir, suplicar mesmo, o direito e a justiça a que os vimaranenses têm jus.

Fomos dos que também, e piamente, acreditaram em que as reclamações feitas na presença do Governo da Ditadura seriam, desta vez, atendidas, com esta agravante: os Ministros prometeram!...

Pois, senhores, nenhuma reclamação foi atendida, sendo Guimarães, depois da visita, — se é que a memória nos não atraiçôa — ainda por cima prejudicada: o

Scenas lamentáveis

Sexta-feira, 19. Uma hora da tarde. Largo da Oliveira — aquê-le Largo onde está a *Domus Municipalis* e onde se ergue a Igreja da Oliveira.

Dois turistas, êle e ela. Ele alto, desempenado, loiro, muito loiro. Ela nem alta, nem baixa, loira, muito loira, gôrda que baste. Máquinas fotográficas a tiracolo. O costume costumado de todos os calcurriadores de terras e visitantes de monumentos...

A' volta dêles, seringando-os, agarrando-se-lhes, pedinchando — «dê-me a mim; cincorreizinhos, a mim; aquêle não, só a mim» — mais de vinte garôtos e garôtas, todos de tenríssima idade, o mais crescidote podendo ter doze anos. Tanto seringaram, e tanto aborreceram, e tanto puzeram em água a paciência dos pobres viajeiros, que êles, revoltados, enojados, espantados com aquela exhibição de miséria, de extrema pelintrice, lá se foram, Rua da República fora, sem terem visto o que desejavam vêr.

Isto senhores, no Largo da Oliveira, naquêle Largo onde está a *Domus Municipalis*.

Isto, pois, senhores, nas respeitáveis barbas da respeitabilíssima autoridade.

E polícias?

E vê-los os polícias?...

Bem relanceamos o nosso olhar anciosamente investigador, mas não vimos um para amostra.

Passado horas, a mesma scena, noutra local e com outros turistas.

E o que se passou na sobredita cuja sexta-feira, desanove, é o que por aí se vê todos os dias e a todas as horas.

E' necessário que a acção da polícia se faça sentir junto dos monumentos, para evitar scenas indecentes como a que acima relatamos. Se não arriscamo-nos a que as pessoas que nos visitem saiam daqui desiludidas, por terem julgado que visitavam uma cidade, quando afinal encontraram um lugarejo de Marrôcos...

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou sêda ou de tecido de algodão em fantasia? Vá à casa HIGH-LIFE.

CASA DAS MEIAS

Deseja adquirir um lindo vestido de lã ou sêda ou de tecido de algodão em fantasia? Vá à casa Casa Martins.

nosso Liceu, que era Central, foi elevado à categoria... de Nacional!...

Agora, não acreditamos em benefícios vindos do Governo. Guimarães escusa de perder tempo em pedidos, mas também fica com a certeza de não gastar mais dinheiro com viagens oficiais, pois não lhe é permitido gastá-lo com uma esquadra de 25 polícias. Não resistimos à excitação dos nossos nervos: que faz a Câmara...? depois disto?...

Domingos Ribeiro.

**Rêde Telefônica do Estado, em Guimarães**

Telefones instalados  
depois da publicação da última lista

166 Júlio Pereira de Figueiredo  
167 Joaquim Ribeiro de Moura  
168 José André  
169 Policia Civil  
170 Tribunal Judicial  
171 Barbearia Simão Costa  
172 Gonçalves & Castro, Ltd.<sup>a</sup>  
173 Domingos Pereira Mendes, Sucessor  
174 Manuel Joaquim da Cunha  
175 Auto Garage Avenida  
176 Luís Teixeira de Carvalho & Irmão  
177 Jacinto José Ribeiro  
178 Dr. João Martins de Freitas

178 Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda  
179 Alberto Pimenta Machado  
180 Joaquim Leite Monteiro  
181 Francisco M. Fernandes  
182 Joaquim A. Guimarães  
183 Sapataria Fox  
184 Guilhermino A. Barreira  
185 Chapelaria Martins  
186 Gualdino Pereira  
187 Dias & Carvalho, Ltd.<sup>a</sup>  
188 Luís Dias de Castro  
189 Fábrica de Tecidos de Guimarães  
190 Damião de Sousa Pinto  
191 Luísa Cardoso Macedo M. Menezes  
192 Bento dos Santos Costa & C.<sup>a</sup>, Ltd.<sup>a</sup>  
193 Eduardo & Silva  
194 Luís Gonzaga Leite

196 Colégio e Asilo de N. Sr.<sup>a</sup> da Conceição  
197 Vital Marques Rodrigues  
198 Stand América  
199 Francisco da Silva Arcias  
200 Cândido José de Carvalho, F.<sup>os</sup> & C.<sup>a</sup>  
201 António Cândido de Sousa Carvalho  
202 Manuel Soares Moreira Guimarães  
203 Alberto Costa  
204 João Pereira Mendes  
205 Camilo Laranjeiro dos Reis  
206 António N. de Miranda  
207 J. Ferreira de Melo  
208 Bento dos Santos Costa & C.<sup>a</sup>, Ltd.<sup>a</sup>  
209 Fernandes & C.<sup>a</sup>, Ltd.<sup>a</sup>  
210 Francisco José de Freitas  
211 Sociedade M. Sarmento

212 José Fernandes  
213 Constantino Santoalha  
214 Gaspar Ferreira Paul  
215 Alfaitaria Casimiro Ribeiro  
216 Fotografia Bleza

*Calçado para quarto; grande sortido de calçado de pelica. Sapatos de cabedal com sola crepe para senhora a 24\$00. Sapatinhos de verniz, bébé, desde 6\$00. Sapatilhas e sapatos de borracha. Só na Casa Martins.*

**CASA DAS GRAVATAS**

O mais completo sortido no género.  
Sempre as últimas Novidades  
Vejam os nossos preços.

**CASA HIGH-LIFE**

MODAS CAMISARIA GRAVATARIA

Lúvas, colarinhos, meias, peúgas, perfumarias, sêdas, sultanas, foulares, crêpes, sefins, artigos de bordar, tecidos de lã lisos e fantasia, malhas, rendas, echarpes, véus, miudezas diversas, bôlsas, castúres, sombrinhas em cores e preto, bfeanbas e muitos mais artigos de que só nesta casa se encontra um grande sortido a preços muito reduzidos.

SEMPRE NOVIDADES. VENDAS SÓ A DINHEIRO.

**ATOALHADOS E LINHOS**

Gonçalves & Castro, L.<sup>da</sup>

GUIMARÃES

Largo Prior do Crato, 7-8-9

Completo sortido de todos os tecidos próprios para enxovais

Lindas colecções de bordados de Guimarães

e uma grande variedade de tecidos para roupas interiores

Preços das fábricas

Papelaria - Perfumarias - Tabacos  
Gramofones e discos - Radiotelefonía  
Papeis de embalagem - Fio - Papelão

**CASA IDEAL**

JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 - Telefone 181 - GUIMARÃES

**CASA DE SANTA TERESINHA**  
122, Rua da República, 122-A  
GUIMARÃES

Papelaria e Livraria - Artigos religiosos - Objectos de escritório  
Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.<sup>a</sup> Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

**ALFAITARIA DE RIBEIRO, FILHO**

participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões

Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.

9, Largo da Misericórdia, 10 - Telefone, 177 - GUIMARÃES

**Agência Vimaranesense**

Representações e Conta Própria

DE

**ALBERTO CÉSAR**

Travessa de S. Carlos, 13 - PORTO

**CASA REBELO**

117 - Praça D. Afonso Henriques - 118

GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos

próprios para a estação de verão

a preços baratíssimos.

Fazendas brancas e miudezas.

Visitem esta casa

**CASA MARTINS**

A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para Senhora, Homem e Criança. Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percais para Camisas. Gravatas, Chapeus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Calçado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

Bom, Bonito e Barato

Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

**Francisco Ribeiro de Castro**

Papelaria e objectos de escritório - Perfumarias - Tabacos  
Representante em Guimarães e norte de Portugal das Canetas Conklin - Endura

Casa das Novidades

Rua da República, 103-A e 105-A  
Rua Gravador Molarinho, 1 e 3

Artigos fotográficos

Telefone n.º 149  
GUIMARÃES

Papelaria Central

FILIAL  
Praça D. Afonso Henriques, 12 e 13